



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1361

A FÉ COMO MARCA DO IMIGRANTE

Selma Antonia Pszdzimirski Viechnieski

Selma_anjoda guarda@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Resumo. Este artigo trata da religiosidade na constituição de Virmond, uma colônia de imigrantes poloneses, fundada no início do século XX, discutindo as possíveis relações entre a Igreja Católica e a formação identitária, e como essa relação teria marcado a vida dos moradores, estabelecendo práticas e saberes. Para essa compreensão foi necessário estabelecer conexões com as mudanças que ocorriam no interior da Igreja Católica naquele momento, de caráter global, conhecido como romanização do catolicismo, e também as mudanças em nível nacional, com a busca da afirmação da igreja católica no Brasil. A religiosidade presente entre os imigrantes, marcando sua identidade, com o desejo da continuidade de exercer sua fé vão estar presentes ao longo do texto. Quando se refere à colonização dos imigrantes trata-se ainda de questões como identidades individuais e coletivas, permanências e mudanças, e a construção da memória. A fé católica, a nacionalidade, o desejo de construir uma nova vida com a manutenção da polonidade se constituem nos laços que estruturam a identidade da colônia. O conceito de identidade perpassa a análise de todas as questões propostas. O estudo realizado constitui-se como parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Programa de Mestrado da UEPG. Toda discussão está pautada especialmente no estudo de publicações de jornais do período, constituindo-se num conjunto de cartas traduzidas para este fim e em fontes orais, com entrevistas de imigrantes e descendentes, além de literatura especializada.

Palavras-chave: imigrantes poloneses; religiosidade; catolicismo; identidade; polonidade.

Algumas dezenas de milhares de poloneses estabeleceram-se nas terras brasileiras. Sem exceção, pertencem à Igreja Católica. Todavia, no Brasil, entre os católicos, são tratados como filhos da madrasta. Uma população visceralmente católica, afeita à Igreja e seus ritos, está deserdada da graça que leva à salvação, ficando em perigo de perder a fé e conseqüentemente a nacionalidade. (...) o povo está se afastando da Fé, de Deus e da nacionalidade, numa palavra, está se “abrasileirando”. (...) O rito e a fé estão unidos. Quem desconhece o rito e a língua evita a Igreja, que fala uma linguagem desconhecida. (...) a única defesa de nossa população no exterior são os sacerdotes poloneses e o ritual da Igreja, pois as escolas, cujo número é diminuto, são insuficientes.¹

¹ TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski . **POLKOŚĆ, IDENTIDADE E ETNICIDADE POLONESA: CONCEITOS EMCONSTRUÇÃO. Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional (2013)**

O texto acima, publicado em 1893 no GAZETA POLSKA, reflete algumas das preocupações dos imigrantes poloneses a cerca de sua religiosidade e manutenção de sua identidade na nova pátria, numa relação de dependência explicada também pelo fato de a instituição católica ser vista como um porto seguro, um ponto de apoio, visto que seu país de origem se encontrava sob o julgo de outras nações. Para o colono polonês, a fé católica estava associada à sua identidade nacional, não podendo, na sua visão de mundo, preservar uma sem preservar a outra. Pois até 1918, quando a Polônia retoma sua autonomia, os poloneses não tinham representantes consulares que pudessem estimular o esforço de preservação cultural. Assim, essa missão foi sendo exercida prioritariamente pela igreja, sendo a paróquia considerada não apenas como o centro espiritual, mas a referência das sociabilidades étnicas, que fora do âmbito familiar era o único grupo social organizado ao qual o camponês pertencia.²

O momento é marcado também por profundas transformações no cenário religioso, nacional e global, com a busca da reafirmação de seus valores, contribuindo para que os imigrantes fiéis não encontrassem o amparo que desejavam.

A imigração coincidiu com um projeto de mudança global do catolicismo e da Igreja do Brasil, o projeto da romanização deste catolicismo. Assim, os imigrantes católicos acabam contribuindo seja para a afirmação da igreja tridentina e do catolicismo romanizado, seja para assegurar os vínculos de dependência cultural e econômica para com as nações da Europa.³

Dentre os imigrantes que vieram para o Paraná estão os poloneses, representando um número bastante expressivo. Estes começaram a se fixar no Paraná a partir da década de 1870, inicialmente na região curitibana, adentrando depois o interior.

Os imigrantes vêm com suas identidades e nacionalidades próprias, muitas vezes acompanhados de um sentimento regionalista ou ao nível da aldeia, o qual é fruto do estabelecimento de fronteiras identitárias predeterminadas quando da sua chegada e que serão (ou não) reconstruídas a partir do período de colonização.⁴

² ZULIAN, Rosângela Wosiack. “Bêbados, arruaceiros e sovinas”: a Igreja Católica e o imaginário imigrante no início do século XX – Ponta Grossa (PR). p. 303. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/download/2965/2012.

³ IBIDEM. p. 301.

⁴ TRINDADE. op. cit.

Com o apoio do governo do Paraná, o projeto de colonização com imigrantes vai se alastrando. Após o restabelecimento da Polônia como nação europeia, é enviado ao estado do Paraná, o 1º cônsul polonês, Sr. Kazimierz Gluchowski, com objetivo de dar continuidade aos projetos de colonização.⁵ Neste contexto surge a Colônia Amola Faca, no interior do estado.

No final de 1919 foi nomeado o Primeiro Consul da Polônia em Curitiba, chegando ao Brasil desenvolveu ampla atividade social entre os colonos poloneses do sul do país. Em 1920 comprou do Coronel Ernesto Queirós uma grande área de terra (Fazenda Amola Faca), destinada, em seguida, aos colonos poloneses. Na região da Colônia Coronel Queirós (nome atual: Virmond), chegavam os poloneses não só da Polônia, mas também de outras regiões do Brasil.⁶

Na Colônia Amola Faca a formação identitária se fez presente nos valores culturais e vivências comuns que os imigrantes trouxeram consigo, sendo fortalecidas com o apoio da igreja e da escola, importantes instituições para os colonos, tanto que uma de suas primeiras preocupações, depois de estabelecidos, era a construção das mesmas. A fé católica, a nacionalidade, o desejo de construir uma nova vida com a manutenção da polonidade se constituíram nos laços que estruturaram a identidade da colônia, com traços característicos comuns também em outras colônias polonesas.

Já em 1921 tanto a propaganda impressa, jornais, panfletos, periódicos, como através do rádio, além da importante propaganda realizada através das pessoas que iam levando notícias umas para as outras, trouxeram os primeiros colonizadores, vindos de colônias próximas a Curitiba, São Mateus, Água Branca, entre outras, assim como do Rio Grande do Sul.⁷

Os meios de comunicação costumavam afirmar a religiosidade e a etnia dos colonos, como podemos verificar: “Junto à estrada que conduz a Foz do Iguaçu será construída uma vila, bem como medido um terreno para a igreja, a escola e a sede da sociedade. (...) Os primeiros colonos poloneses já adquiriram a terra”.⁸

⁵ Livro do Tombo Oficial da Paróquia Nossa Senhora de Monte Claro de Virmond. p. 1.

⁶ MALCZEWSKI, Zdzisław. **Marcas da presença polonesa no Brasil**. p 62-63. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=xJifAVgODh0C&pg=PA62&lpg=PA62&dq=COLONIA+AMOLA+FACA&source=bl&ots=afWAS33vdE&sig=syG7WxHRvOIVekJmkhimTwtYrzU&hl=ptBR&sa=X&ei=q10iUrq2Fubj4APr64CAAg&ved=0CEkQ6AEwBDgK#v=onepage&q=COLONIA%20AMOLA%20ACA&f=false>, acesso em 05/10/2013.

⁷ PSZDZIMIRSKI, Selma. **Virmond - Colonização e Desenvolvimento**. CESLA - Centro de Estudos Latino-Americanos Universidade de Varsóvia. 1998. p16.

⁸ Jornal *Lud* nº 26 – p. 6 – dia 23 de junho de 1921

A publicação de uma carta resposta nos mostra mais sobre a questão:

Alegra-nos porque o Senhor perguntou se a colônia é povoada apenas por poloneses. Ecoa dessa pergunta o desejo de estar junto com outros poloneses, porque então se tornam mais fáceis a igreja e a escola, com a preservação da própria nacionalidade.

Podemos assegurar-Lhe que os colonizadores de Amola Faca fazem muita questão de que ali seja criado um povoado puramente polonês; (...) também haverá alguém para ensinar às crianças a religião e as orações polonesas. As pessoas já estão pensando ali também numa capela.⁹

O assunto “igreja” não aparecia somente nas propagandas, mas era preocupação real entre os colonos. Logo que se instalaram na Colônia Amola Faca os colonos se reuniam nas casas, fazendo orações, cantando e fortalecendo sua fé, ao mesmo tempo em que transmitiam esses ensinamentos aos filhos. Já por volta de 1922, nos ranchos provisórios, residência dos colonos, era celebrada a Missa por um padre que vinha de Guarapuava, mesmo com chuvas, ficando na colônia por três ou quatro dias.¹⁰ O primeiro sacerdote que surgiu na nova colônia foi o Pe. Pedro Halama; ele vinha montado em cavalo ou mula desde Guarapuava. Nas casas ele celebrava a missa, rezava com as pessoas e ensinava em polonês o catecismo e o canto.¹¹

O padre era sempre muito esperado, preocupavam-se em acolhê-lo da melhor maneira possível. Conferiam-lhe grande autoridade, sua figura era temida e respeitada, considerado conselheiro espiritual e também de outros assuntos. Visto sua formação e experiência, se recorria a ele para tomada de decisões que afetavam a vida na comunidade e também para resolver pequenos conflitos.

Conforme Wachowicz, a paróquia e o padre polonês eram indispensáveis para o camponês (polonês). A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com os semelhantes. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda, em razão do isolamento em que lhes coube viver. A igreja, a paróquia e o padre foram por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da unidade entre os

⁹ Jornal *Lud* nº 3 – p. 3-4 – dia 19 de janeiro de 1922

¹⁰ PSZDZIMIRSKI, op. cit. p. 33

¹¹ TURBANSKI, Pe. Estanislau. **CENTROS DE ATIVIDADE DOS VERBISTAS POLONESES**. p. 517-519.

colonos.¹² O clero polonês fortalecia entre os colonos um sentimento de identidade nacional e a memória de suas raízes, importante nesse contexto.

Como na Polônia, o instinto de levar uma vida muito próxima à vida paroquial foi mantido. A primeira preocupação dos colonos após se estabelecerem em suas propriedades era construir uma capela ou igreja e buscar um padre que pudesse dar atendimento à população.¹³ O tratamento dado a questão era prioridade entre os colonos, como podemos ver na carta publicada, ainda no ano de 1922:

Vivemos aqui nos confins da civilização, no último núcleo polonês, o mais distante de Guarapuava para o oeste. (...)

As pessoas também já estão cuidando da igreja. Em março, numa reunião na vila de Virmond, os colonos escolheram o terreno para a igreja, para a qual – da mesma forma que para a escola – destinou generosamente a terra o Sr. Radecki, e tomaram a decisão de que todo novo colono que vier deve oferecer para a igreja 10 mil-réis, que serão destinados à construção da igreja. Imediatamente também já foram coletados 100 mil-réis, e outro tanto foi reunido depois. Além disso, decidimos contribuir com uma taxa de um mil-réis por alqueire para esse objetivo, de maneira que em breve teremos uma igreja.¹⁴

No início a carta menciona a localização da Colônia, dando ideia da distancia que este grupo polonês está dos demais, configurando uma experiência diferente de grande parte das colonizações polonesas no Paraná, que organizaram-se próximas uma das outras, muitas ao redor da capital, facilitando o contato entre os moradores, que podiam se socorrer de acordo com a necessidade. A Colônia Amola Faca localizava-se a 90 km do centro mais próximo, Guarapuava, num tempo em que uma viagem levava dias por entre as matas. “Uma viagem durava cerca de três dias de ida e três de volta, dependendo da situação da estrada e do tempo, pois quando chovia demorava-se mais. (...) às vezes uma viagem poderia levar até quinze dias.”¹⁵

Neste sentido também pode ser entendido a importância para os colonos de se construir uma igreja, pois esta viria a ser o local de encontro, de apoio. Assim, podemos acompanhar em outra publicação a constituição de uma comissão dando início aos trabalhos relativos a construção da igreja.

No dia 5 de junho constituiu-se finalmente o comitê da igreja, em cuja composição entraram os seguintes cidadãos: Adão Frydrych – presidente;

¹² WACHOVICZ, Ruy Christovan. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba, 1981. p. 93.

¹³ IBIDEM, op. cit. p. 45.

¹⁴ Jornal *Lud* nº 22 – p. 6 – dia 1 de junho de 1922

¹⁵ PSZDZIMIRSKI, op.cit. p 25.

Francisco Mierzwa – tesoureiro; Casimiro Kochanski – membro da administração; José Rolak – secretário.¹⁶

Na publicação¹⁷ seguinte temos mais detalhes registrados sobre os primeiros trabalhos relativos à construção de uma igreja, sempre enfatizando a dedicação dos envolvidos.

E nós, embora sejamos apenas um punhado de poloneses, começamos a trabalhar com dedicação e elegemos um comitê da igreja, (...)

Como o começo é difícil para todos, também o trabalho social exige mais tempo. Primeiramente cercamos o cemitério e colocamos nele um cruzeiro, e no dia 23 de julho veio o pároco de Guarapuava a Laranjeiras, esteve conosco por um dia e estimulou-nos dizendo que voltaria no dia 28 de julho.

Aconselhou que fizéssemos uma rifa e destinássemos o lucro para a igreja. No dia seguinte, isto é, no domingo, o pároco benzeu o nosso cemitério e foram vendidas as prendas (...)

Agora vamos nos dedicar diligentemente ao trabalho, porque queremos ter uma paróquia e um padre permanente em nossa colônia (...)¹⁸

Quando o padre vinha à colônia, depois das missas aproveitava para fazer visitas nas casas, orando com a família e abençoando-a, assim como a casa e às vezes os animais. No momento em que o padre se estabeleceu na colônia, a prática de realizar visitas aos domingos permaneceu, especialmente aos doentes, que se sentiam reconfortados.

Como os padres demoravam vir a Colônia, sua presença era marcada pelos batizados, tendo mais significado para os colonos do que os registros civis. Não se deixava uma criança sem batismo, pois havia o medo de em caso de falecimento a criança não ir ao céu como um anjinho.¹⁹

Em casos de morte toda comunidade demonstrava solidariedade à família e respeito ao morto. Sempre que alguém morria, um parente ou vizinho se encarregava de avisar os outros moradores, e cada um ia avisando os mais próximos, formando uma corrente. Logo estavam todos reunidos, deixando todos seus afazeres para estarem presentes. Enquanto os homens faziam o caixão, as

¹⁶ Jornal *Lud* nº 59 – p. 2 – dia 3 de agosto de 1923

¹⁷ A mesma correspondência, trazendo as mesmas informações, porém aparecendo somente com a primeira assinatura, são publicadas novamente na edição Jornal *Lud* nº81 – p. 3 – dia 9 de novembro de 1923.

¹⁸ Jornal *Lud* nº 71 – p. 3 – dia 14 de setembro de 1923

¹⁹ FREITAS, Edvirges de. Entrevista concedida em 23/07/2013.

mulheres dividiam-se fazendo as vestes mortuárias e preparando os alimentos que seriam servidos a todos. Para o velório matavam porco, faziam pães e cucas.²⁰

Levando uma vida muito simples, os colonos não deixavam que as dificuldades do dia a dia abalasses sua fé. Ir a igreja era importantíssimo, pois significava, além do exercício da fé, um compromisso com a formação dos filhos. Em algumas famílias nem sempre todos podiam frequentar as missas no mesmo momento, conforme nos mostra o relato: “Devido à falta de roupas, algumas famílias dividiam-se para ir à missa, a metade ia num dia e o restante no outro, usando a mesma roupa”²¹; A vida modesta os obrigava a sacrifícios, mas não os impedia de rezar. “Nos domingos o pátio da igreja se enchia de carroças e cavaleiros”.²² A forte religiosidade e as orações consistiam em um compromisso sagrado. “Andavam quilômetros para chegar à igreja. Quando chovia muito e não podiam ir à missa no domingo, rezavam em casa e somente depois iriam passear, conforme as regras do pai, que dava o exemplo.”²³

Ir à missa significava também integrar-se à comunidade, comunicar-se com outras pessoas. Era quando os colonos aproveitavam para efetivarem a troca de conhecimentos, de experiências acerca da organização, do cultivo e do trabalho em geral nas suas propriedades, visando garantir a sobrevivência em um país desconhecido. Por outro lado, a confraternização religiosa representava também uma fuga do cotidiano, distante de seu país de origem e nas adversidades de um outro mundo que precisavam construir.²⁴

Em 1927 os trabalhos relativos a construção da igreja finalmente terminam:

Peço ao Prezado Senhor Redator que gentilmente publique nas colunas do seu prestigioso jornal o presente relatório da construção e benção da igreja de Nossa senhora de Czestochowa, construída com as contribuições dos colonos poloneses da Colônia Queiroz.

Desde o inicio da colonização e da vinda dos colonos poloneses a esta localidade, surgiu a ideia de construção de uma casa de Deus. (...)

Já a partir de março de 1922 foi iniciada coleta de contribuições para a igreja (...) As contribuições afluíam ao caixa muito devagar. Isso não é admirar, porquanto no primeiro ano o colono só foi capaz de construir para si algum rancho, com dificuldade dando conta da própria miséria. (...)

A solenidade da benção da igreja realizou-se no dia 27 de agosto do ano corrente, (...)

²⁰ FREITAS, Edvirges de. Entrevista concedida em 23/07/2013.

²¹ FEDRECHESKI, Ana. Apud, PSZDZIMIRSKI, 1998, p 33.

²² ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 18/07/2013

²³ GELINSKI, Eslava. Entrevista concedida em 17/07/2013.

²⁴ CAPRI, op. cit. p. 111

A construção de uma igreja e da vinda de padres com frequência para a colônia era desejo de todos os moradores, e sua instituição influenciava a vinda de outros imigrantes.

Entre 1927 e 1932, um padre vinha de Guarapuava três vezes ao ano visitar a colônia, procurando estar presente perto da Páscoa, Natal e dia da festa em honra à padroeira Nossa Senhora de Monte Claro (*Czestochowa*). No dia 11 de fevereiro de 1931, foi a Guarapuava uma comissão com o propósito de solicitar um padre efetivo para a colônia. Foi então prometido que um padre polonês viria com mais frequência, e que o pedido da comissão seria enviado ao bispo e superiores da congregação, mas que em contrapartida a comunidade deveria se reunir e construir uma casa paroquial, para dar mais comodidade ao padre.²⁵ Os esforços se voltam então para a construção da casa paroquial, na esperança da vinda de um padre definitivo.

Após alguns anos de penoso trabalho na nossa colônia, temos finalmente os resultados em forma da igreja concluída e da escola conduzida à possível ordem. (...) Atualmente os colonos decidiram construir a casa paroquial, (...). Após o seu término, esperamos conseguir um pároco, cuja vinda é indispensável.²⁶

Apenas nos falta um sacerdote que aqui resida permanentemente e que nos celebre as devoções, que nos instrua e que ensine às nossas crianças os princípios da nossa fé católica e que aponte o caminho aos objetivos superiores e a Deus.²⁷

No dia 10 de outubro de 1932, depois de muita insistência, a colônia recebeu o seu primeiro padre que deveria ser definitivo, Pe. Paulo Schneider, mas foi embora após curta permanência. A partir de então a colônia passou a ser atendida pelo Pe. Pogrzeba que prestava assistência também a Laranjeiras do Sul. Em dezembro de 1934, instalou-se na colônia o Pe. Estanislau Cebula. Este padre junto ao padre de Laranjeiras do Sul estabeleceram limites entre as duas localidades, que deveria ser: Rio Tapera, da sua barra no Cavernoso subindo até sua cabeceira principal. Esta ação denota a liderança e papel político exercido pelos padres e pela igreja católica nesta época.²⁸

²⁵ LIVRO DO TOMBO, op. cit.

²⁶ *Jornal Gazeta Polska w Brazylii* nº 20 – p. 6 – dia 14 de maio de 1931

²⁷ *Jornal Lud* nº 82 – p. 3 – dia 13 de novembro de 1929

²⁸ LIVRO DO TOMBO, op. cit.

Entre as atividades desenvolvidas pela igreja estava ainda a educação, dirigindo colégios e influenciado diretamente no modelo educacional, uma herança do período colonial brasileiro. Em 1937, o Pe. Cebula, traz para a colônia as Irmãs Vicentinas, fundando o Colégio São José, ensinando português e polonês. “A instrução de crianças, sob o olhar da hierarquia católica, era mais uma forma de catequização, de reforçar os princípios católicos ensinados no lar e de propor uma normatização do grupo social a partir de seus parâmetros morais e religiosos.”²⁹

Os valores cristãos inculcados em casa e na igreja eram reforçados na sala de aula, sob a direção das religiosas, que atuavam com rigor. Ensinos que deveriam circular por toda a vida do educando, em todas as relações que viesse a estabelecer.³⁰

A paróquia de Nossa Senhora de Monte Claro foi criada em 15 de agosto de 1951, pelo Bispo Dom Manoel Koenner, de Guarapuava.³¹

No ano de 1966 comemorava-se o I Milênio Cristão do Povo Polonês, para comemorar, a diretoria da Paróquia Nossa Senhora de Monte Claro, dirigida então pelo Pe. Antonio Gallo (italiano) organizou uma comissão, cujo objetivo seria a construção de uma nova igreja, agora em alvenaria. Construir uma igreja não era uma tarefa fácil, demandava recursos financeiros e muito desprendimento da população. Em 1967, foi criada a Diocese de Guarapuava, à qual a paróquia de Virmond ficou pertencendo. Assim, em fevereiro deste mesmo ano, o Bispo da Diocese Dom Frederico Hemel, em visita a Virmond, aproveitou a ocasião para dar a bênção à pedra fundamental da matriz, sendo concluída em 1969, no dia festa da padroeira.³²

As festas da igreja eram muito esperadas, pois era o momento em que toda comunidade se reunia. As mulheres organizavam as comilanças durante a semana toda. Enquanto esteve em funcionamento o Colégio de Freiras, eram as religiosas quem organizavam as mulheres e o desenvolvimento do trabalho. Esse costume permanece até os dias de hoje.³³

Um evento organizado com muito empenho eram os casamentos, com uma festa que durava pelo menos dois ou três dias. No primeiro dia os convidados

²⁹ CAPRI, op. cit. p. 02

³⁰ CAPRI, op. cit. pp. 81-84

³¹ LIVRO DO TOMBO, op. cit.

³² PSZDZIMIRSKI, op. cit. pp. 35-37.

³³ ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 18/07/2013.

chegavam e eram recepcionados já com festa. O pátio da Igreja se enchia de cavalos e carroças enfeitados com papel colorido, trazendo os convidados.³⁴

Outras tradições polonesas marcavam a vida religiosa, como o Natal, considerada a maior festa do ano, a Páscoa e os dias santos, especialmente da padroeira da colônia e da comunidade polonesa no Brasil, Czestochowa, Nossa Senhora de Monte Claro, em homenagem à padroeira da Polônia.

Para o Natal, os festejos envolviam toda a família. Um presépio era organizado com o chão forrado de centeio ou aveia, as casas eram enfeitadas com folhas de palmeiras e as portas ganhavam um enfeite bonito.³⁵ Conforme os costumes, era o pai que enfeitava o pinheirinho, e a mãe ficava com os preparativos na cozinha. Com a família toda reunida, as crianças ficavam atentas ao céu, observando o surgimento da primeira estrela, pois este era o momento que marcava a chegada do tão esperado Papai Noel, geralmente o chefe da família³⁶. À meia-noite acontecia a missa do galo.

Assim como o Natal, a Páscoa era um momento sagrado, que iniciava quarenta dias antes com a quaresma, havendo preparação espiritual dos fiéis, muitas idas às missas, confissões e jejum. Os dias também eram marcados pela preparação dos ovos de galinhas com pinturas especiais, e também bolachas decoradas que seriam entregues a todos os presentes. Para o sábado de Aleluia e o domingo de Páscoa todo o alimento deveria ser abençoado; assim numa missa especial eram levadas cestas cheias de comida, não faltando o sal.³⁷ Os dias santos eram guardados, dedicados a orações, procissões, festas e também para fazer visita aos amigos e parentes.

Em 1973 foi construída a nova casa paroquial de alvenaria. A igreja e a casa paroquial fazem parte das construções mais imponentes na colônia. As pessoas se orgulham delas e têm em alto apreço o pároco pela realização dessa obra.³⁸

A imigração provocou fortes mudanças na composição da população brasileira, inclusive ideológicas, culturais, nas relações de trabalho e na economia. Mas entre as consequências mais significativas estão as promovidas no campo religioso, através da vinda do catolicismo praticado principalmente pelos imigrantes

³⁴ ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 18/07/2013.

³⁵ RADECKI, Jorge. Entrevista concedida em 20/07/2013.

³⁶ ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 18/07/2013

³⁷ ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 18/07/2013

³⁸ Jornal *Lud* nº 3.421 – p. 7 – dia 15 de abril de 1975

italianos, alemães e poloneses, que ocasionaram mudanças nas práticas religiosas atendendo ao projeto romanizador da igreja católica brasileira.³⁹

No Brasil e assim na referida colônia, os poloneses encontraram a possibilidade de estabelecer uma nova vida, de realizar o sonho de ser proprietário de terra, de dar continuidade a sua história, dentro de um clima de liberdade. Para o resultado de sua afirmação na nova pátria, a igreja e a escola foram fundamentais, esta última estritamente ligada e influenciada pela primeira. Foram estas instituições que garantiram a preservação dos costumes e valores. Estando em um país completamente diferente do seu, as diferenças eram amenizadas quando as pessoas estavam reunidas e onde podiam continuar falando seu idioma, fazendo suas festas e orações, tratando dos mesmos assuntos, revivendo as dificuldades e comemorando a esperança de uma vida melhor, de um futuro promissor. Entre seus compatriotas, as diferenças da nova pátria pareciam não importar tanto. Os desafios foram sendo vencidos juntos pela comunidade, alicerçada sempre pela igreja, que fortalecia o vínculo entre os imigrantes reforçando suas tradições, que podiam ser vistas no idioma, na formação do lar e estrutura familiar, na educação dos filhos, na forma de trabalhar a terra, no companheirismo e solidariedade demonstrada entre os vizinhos, no lazer, na busca por organizar a vida social. A própria política de imigração contribui para essas permanências, pois, ao se fundar um núcleo de imigrantes em locais retirados, longe dos centros desenvolvidos, em meio à floresta, como foi o caso desta colônia, contribui-se para a pouca comunicação entre os diferentes grupos que formam a nação. Conforme Seyferth, nas primeiras décadas, a maior parte dos imigrantes, e mesmo os da segunda geração, tiveram pouco ou nenhum convívio com a sociedade nacional, e isso teve reflexos na formação comunitária étnica, especialmente quanto à ideia mais geral de aquele lugar constituir seu novo lar.⁴⁰

FONTES

FREITAS, Edvirges de. Entrevista concedida em 23/07/2013.

GELINSKI, Eslava. Entrevista concedida em 17/07/2013

³⁹ CAPRI, op. cit. p. 55.

⁴⁰ SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N° 77 Vol. 26 n° 77 Outubro /2011 . p. 51. Disponível em <<http://www.scielo.br>> acesso em 14.01/2013.

Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba. Diversas Edições.

Jornal LUD, Curitiba – Diversas Edições.

Livro do Tombo Oficial da Paróquia Nossa Senhora de Monte Claro de Virmond.

ORZECHOVSKI, Julia LudimilaKrygier. Entrevista concedida em 06/01/2015

RADECKI, Jorge. Entrevista concedida em 20/07/2013.

REFERÊNCIAS

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945**. Curitiba. 2003.

MALCZEWSK, Zdzisław. **Marcas da presença polonesa no Brasil**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=xJifAVgODh0C&pg=PA62&lpg=PA62&dq=COLONIA+AMOL+FACA&source=bl&ots=afWAS33vdE&sig=syG7WxHRvOIVekJmkhimTwtYrzU&hl=ptBR&sa=X&ei=q10iUrq2Fubj4APr64CAAq&ved=0CEkQ6AEwBDgK#v=onepage&q=COLONIA%20AMOLA%20ACA&f=false>, acesso em 05/10/2013.

PSZDZIMIRSKI, Selma. **Virmond - Colonização e Desenvolvimento**. CESLA - Centro de Estudos Latino-Americanos Universidade de Varsóvia. 1998.

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N°77 Vol. 26 n°77 Outubro /2011. Disponível em <<http://www.scielo.br>> acesso em 14/01/2013.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski . **POLKOŚĆ, IDENTIDADE E ETNICIDADE POLONESA: CONCEITOS EMCONSTRUÇÃO**. Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional (2013).

TURBANSKI, Pe. Estanislau. **CENTROS DE ATIVIDADE DOS VERBISTAS POLONESES**.

WACHOVICZ, Ruy Christovan. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba, 1981.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Bêbados, arruaceiros e sovinas”: a Igreja Católica e o imaginário imigrante no início do século XX – Ponta Grossa (PR)**. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/download/2965/2012. Acesso em 06/07/2015.